



## OTACÍLIO COLARES

Otacílio dos Santos Colares nasceu em Fortaleza no dia 1º de setembro de 1918 e faleceu na mesma cidade em 6 de abril de 1988, aos 69 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, por muitos anos foi da equipe dos Diários e Rádios Associados com missões em Fortaleza, Manaus, São Luís, Belém, Natal, Recife e Maceió. Posteriormente fixou-se em Fortaleza como professor de Literatura Brasileira do curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura. Recebeu a Medalha José de Alencar, a maior distinção cultural do nosso estado.

Jornalista, ensaísta e notável poeta. Era um mestre no soneto e Fran Martins o caracterizou como “sonetista dos melhores de quantos existem no Brasil”. Foi membro fundador do Grupo Clá. Obras publicadas: *POESIAS - Os hospedes*, 1946, em colaboração com Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso e Artur Eduardo Benevides (considerados os “quatro grandes” da poesia do Ceará); *Poesias*, 1947; *O jogral impenitente*, 1965; *Os saltadores de abismos*, 1967; *30 poemas para ajudar* (em parceria com Antônio Girão Barroso e Cláudio Martins), 1969; *Três tempos de poesia*, 1973; e *A medida do ser*, 1983; *ENSAIOS - Dois estudos portugueses*, 1976; *Lembrados e esquecidos* (cinco volumes, 1975-1981); e *Incursões literárias*, 1980; *CRÔNICAS - Crônicas da Fortaleza e do Siará Grande*, 1980. Em 1996, o Programa Editorial da Casa José de Alencar, dirigido pelo reitor agregado Martins Filho, publicou o livro *Poesia reunida*, organizado e prefaciado pelo acadêmico Sânzio de Azevedo.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de janeiro de 1966. Ocupou a cadeira número 33, vaga pela morte do acadêmico Perboyre e Silva, cujo patrono é o cientista e escritor Rodolfo Teófilo. Foi recepcionado pelo poeta Artur Eduardo Benevides.

### ENLEVO

*Essa que um dia achei no meu caminho,  
Estrela ou flor – não sei – de tais encantos,  
Que só de vê-la em suaves acalantos  
Minha alma sinto a transudar carinho,*

*Essa, a mais pura e doce, em que adivinho  
Todo um mundo de amor e zelo santos,  
Que mais me prende, mais eu me avizinho  
Da velhice e já sinto os seus quebrantos,*

*Essa enfim que me segue e me conforta,  
Cada vez que o percalço me entibia  
E a quem chamo de deusa de bondade,*

*Há de viver em mim, depois de morta,  
Reflorando, qual lírio em nostalgia,  
No jardim sacrossanto da saudade.*

## PROFISSÃO DE FÉ

*Acaso, quando em transe de agonia,  
Do inferno o fogo estuar em tuas veias,  
Senta-te, escreve o poema e das cadeias  
Liberta a sacrossanta poesia.*

*Não deixes que ela, imersa em nostalgia,  
Ceda aos teus desesperos e que leias,  
Depois, diverso do ideal que anseias,  
Escrito aquilo que a alma não diria.*

*Faz do teu verso a imagem de tua alma.  
Faz do teu poema o bálsamo que acalma.  
Faz do teu ser a pátria da grandeza,*

*Pois que se a vida é triste, o homem que emana  
De Deus é o nume que jamais se engana  
Na ingente busca da imortal grandeza.*

## ANGÚSTIA

*Tenho saudades indeterminadas  
De algo que foi e que não sei dizer  
Se acaso foram lágrimas choradas,  
Se acaso foram risos de prazer.*

*Oh! ai dorido! Oh! noites mal sonhadas,  
Por que viestes assim revivescer  
As flores que eu julgara transformadas  
Em cinza e que ora sinto a reviver?*

JOSÉ MURILO MARTINS

*Maldigo o coração no atroz delírio  
Tal qual maldiz o crucial martírio  
O que sofre sem culpa e sem rancor.*

*Porque é melhor morrer quando se sabe  
Que a morte é justo prêmio que nos cabe  
Do que sofrer talvez alheia dor.*

Fonte: COLARES, OTACÍLIO. *POESIA REUNIDA: POESIAS*. FORTALEZA: IMP. UNIVERSITÁRIA, 1996. (COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO, N. 96). P. 52, 53-54, 47 (POEMAS SELECIONADOS PELA ACADÊMICA NOEMI ELISA ADERALDO).